
Raça e racismo na imprensa Visibilidade e enquadramentos no portal de notícias G1¹

Carla Baiense Felix²

Monique Paulla³

Fernanda Rebello⁴

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um recorte da investigação “Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro”, em que analisamos reportagens sobre racismo publicadas no portal de notícias G1, entre 2021 e 2023. Partindo de uma busca pela palavra-chave racismo, buscamos quantificar as menções e investigar as razões para o aumento de visibilidade da violência racial no noticiário do portal, bem como refletir sobre os efeitos do fenômeno para a juventude universitária, em especial negra. Como aporte teórico, utilizamos as proposições de pesquisadores negras e negros sobre as relações étnico-raciais.

PALAVRAS-CHAVE: Raça; racismo; G1.

1. Introdução

O ataque racista ao jogador Vinicius Junior, em 21 maio de 2023, no estádio Mestalla, durante o jogo entre Real Madrid e Valencia, ganhou repercussão internacional, a partir de reportagens nos principais jornais do mundo e de milhares de publicações nas redes sociais digitais. Apesar de envolver uma figura pública ligada ao mundo do esporte e de ter ocorrido num estádio da Europa, o que justificaria, segundo os valores-notícia do jornalismo, essa enorme repercussão, todos os dias, no Brasil, se publica um número cada vez maior de reportagens sobre violência racial envolvendo tanto pessoas comuns quanto celebridades.

Podemos considerar que esse aumento reflete, também, um número maior de registros de crimes raciais nas delegacias brasileiras. Mas sabemos que o jornalismo não apenas reflete a realidade, ele também constrói e reforça universos simbólicos (Berger; Luckmann, 2004) que criam diferenciações e hierarquias. Embora a visibilidade de atos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico (CAPA), XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF).

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC/UFF).

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF)

racistas e de injúria racial possam construir um espaço público para o reconhecimento do problema, cabe perguntar sobre os efeitos da exposição diária e massiva a esse tipo de violência e sua contribuição para superar o racismo no país

Neste artigo, apresentamos um recorte da investigação “Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro”, em que analisamos reportagens sobre racismo publicadas no portal G1, entre 2021 e 2023. Partindo de uma busca no portal G1, a partir da palavra-chave racismo, buscamos quantificar as menções ao tema e investigar as razões para o aumento de visibilidade da violência racial no noticiário do portal, bem como refletir sobre os efeitos do fenômeno.

Como aporte teórico, nos apoiamos em Kilomba (2019) e Fanon (2008) para pensar o trauma produzido por uma segunda exposição à violência racista; Gonzales e Hasenbalg (1982), Nascimento (1978) e Almeida (2019) fundamentam nossas reflexões sobre relações raciais no Brasil; e Oliveira (2023) e Moraes (2022) nos permitem desvelar as bases epistêmicas de um jornalismo que enquadra os sujeitos negros num lugar de dor e impotência.

2. Visibilidade da violência racial no noticiário do portal G1

A pesquisa “Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro” foi dividida em duas etapas, sendo a primeira a realização de um levantamento quantitativo e qualitativo de matérias veiculadas no portal de notícias G1, sobre o tema racismo, entre 2021 e 2023. Na segunda etapa, foram realizadas rodas de conversa com estudantes da Universidade Federal Fluminense, na própria universidade, com o intuito de analisar as reportagens escolhidas e compreender como os jovens, na faixa de 18 a 29 anos, avaliavam o impacto das narrativas.

Para realizar o levantamento quantitativo, aqui apresentado, fizemos uma pesquisa no portal com a palavra-chave racismo, utilizando filtros por mês e ano entre janeiro de 2021 até dezembro de 2023. A contagem das matérias publicadas foi feita de forma manual e todos os dados obtidos nessa pesquisa foram organizados numa tabela de Excel, dividida por meses, dentro do período de tempo previamente determinado. Essa separação facilitou o processo de visualização e comparação dos números, para entendermos a variação dos números mês a mês e ano a ano.

O aumento do volume de matérias com o tema “racismo” durante o período de 2021 e 2023 foi significativo. Ao somarmos todas as publicações em cada ano, temos: 2.697 em 2021, 3.554 em 2022 e 3.898 em 2023. Em termos percentuais, observamos um aumento de 32% no número de reportagens entre 2021 e 2022, um acréscimo de 857 materiais no período. Embora menor, 2023 teve 344 registros a mais que nos doze meses anteriores, o equivalente a 10% de crescimento. Somados os três anos, temos uma média de 292 reportagens por mês, como um pico de publicações em 2023, 325 publicações mensais, 11 por dia. Isso dá a medida do volume de violência racial proferida cotidianamente e reproduzida no jornalismo brasileiro

Algumas datas comemorativas ou de eventos pontuais durante o ano foram determinantes para influenciar esse aumento. O dia da consciência negra, comemorado no mês de novembro, por exemplo, proporciona muita visibilidade ao assunto. O número de matérias que tinham o "racismo" como temática central foi alto neste período, e elas assumem diferentes formatos, seja para efetuar denúncias, seja para informar sobre a efeméride. Enquanto na maior parte dos meses o número de publicações esteve entre 200 e 300, em novembro o volume ficou acima de 400 em todos os anos, alcançando a marca de 518 em 2021.

A partir de 2022, o mês de maio também passou a registrar um grande número de publicações. Nesse período o Senado brasileiro aprovou um projeto que aumenta a pena dos crimes de racismo e de injúria racial, especialmente quando praticados em locais públicos, como estádios de futebol (REZENDE, 2022). Enquanto o número de matérias era de 180 em maio de 2021, nos anos seguintes foram para 417 e 540, respectivamente.

Por meio desses dados é possível perceber uma tendência ao aumento da veiculação sobre episódios de racismo e injúria racial no noticiário nacional, porém a partir de uma análise do discurso dessas reportagens pode-se notar uma perpetuação de formatos que reforçam a violência racista. Uma vez que essas matérias provocam dores e despertam traumas para a audiência negra.

Para realizarmos a segunda fase da pesquisa foi necessário selecionar 7 matérias presentes no portal do G1, levando como base os dias da semana. Foram selecionadas duas matérias de 2021, duas de 2022 e três de 2023. Para isso, utilizamos o método de sorteio para escolher o mês e o dia de cada matéria. Após o sorteio, fizemos uma busca

na plataforma do G1 para fazer o recorte de data e selecionar cada matéria. O principal recorte utilizado no momento de escolha dos materiais foi a presença do recurso audiovisual. Alguns outros critérios também foram utilizados para escolher as reportagens, dentre eles a recorrência na plataforma do G1; a ocorrências dos casos em território nacional ou com brasileiros; a divulgação em mídias de grande alcance, como o fantástico; e o levantamento de algumas pautas que poderiam surgir a partir dessas reportagens, como: racismo estrutural, racismo no futebol e racismo nas plataformas virtuais.

2. Como tem sido a coberturas sobre o racismo no noticiário do G1

A segunda etapa da pesquisa foi seleção de 7 matérias presentes no portal do G1, levando como base os dias da semana. Foram selecionadas duas matérias de 2021, duas de 2022 e três de 2023. Para isso, utilizamos o método de sorteio para escolher o mês e o dia de cada matéria. Após o sorteio, fizemos uma busca na plataforma do G1 para fazer o recorte de data e selecionar cada matéria. O principal recorte utilizado no momento de escolha dos materiais foi a presença do recurso audiovisual. Alguns outros critérios também foram utilizados para escolher as reportagens, dentre eles a recorrência na plataforma do G1; as ocorrências dos casos em território nacional ou com brasileiros; a divulgação em mídias de grande alcance, como o fantástico; e o levantamento de algumas pautas que poderiam surgir a partir dessas reportagens, como: racismo estrutural, racismo no futebol e racismo nas plataformas virtuais.

Quando examinamos de um ponto de vista qualitativo o tipo de reportagem associada a essa palavra-chave, vê-se que se trata, sobretudo, de episódios envolvendo violência verbal ou simbólica contra pessoas negras ou a população negra em geral. Em alguns deles, também há violência física, frequentemente acompanhada de xingamentos. Estão excluídos desse enquadramento, por exemplo, o racismo praticado contra moradores de favela em incursões policiais, nem são consideradas vítimas do racismo as pessoas assassinadas nestes espaços durante confrontos armados.

O tipo de evento enquadrado como racismo, portanto, restringe a discussão ao comportamento pessoal, impedindo que a opressão cotidiana infringida à população negra

seja reconhecida como tal. Dessa forma, cria-se uma cultura de denunciismo inerte, que capitaliza a dor do outro enquanto amplia a audiência.

Durante a leitura midiática das reportagens selecionadas para cada roda, os estudantes puderam analisar as estruturas da notícia como futuros profissionais no mercado de comunicação e mídia antirracista. E assim, trabalharam em conjunto questões importantes para compreender o encaminhamento do discurso, como quais informações estavam ausentes nas reportagens, quem eram os agentes daqueles crimes, qual era o discurso proferido pelos jornalistas e âncoras. Tais questionamentos resultaram na compreensão de que em boa parte dos casos compartilhados tratavam-se de abordagens jornalísticas e midiáticas racistas e não de cobertura jornalísticas ou midiáticas sobre episódios de racismo. No decorrer de uma das rodas, uma jovem estudante ressaltou:

O que acho interessante também é uma coisa óbvia, mas como a violência está na hora da construção da pauta. (Comunicação e cultura, 2023).

Com o propósito de analisar o discurso presente nas reportagens selecionadas, montamos um quadro síntese com informações que consideramos relevantes no decorrer da pesquisa e com o objetivo de destrinchar e visualizar melhor os elementos que compõem cada narrativa. Cada uma das reportagens possui um contexto específico, sendo eles:

	MATÉRIAS	AGENTES	VÍTIMAS	JORNALISTAS NOMEIAM O RACISMO?	ESPAÇOS
1	'É difícil esquecer', diz homem negro que tirou a roupa para provar que não estava furtando em mercado de Limeira	Seguranças (não são nomeados, nem apresentados)	Luiz Carlos da Silva - homem negro, 56 anos - metalúrgico	Não.	Assai Ataca privado mas movimento
2	Advogado negro relata ter sofrido episódio de discriminação por segurança do STF	Seguranças (não são nomeados, nem apresentados)	Nauê Bernardo - homem negro, advogado	"Racismo estrutural" vem escrito na chamada da reportagem Mas nem o âncora, nem o jornalista que narra menciona o racismo	OAB-DF (espaço privado passagem)
3	Menina de 10 anos é vítima de ofensas racistas em um grupo de mensagens no celular onde há pessoas da escola onde ela estuda	Por serem menores de idade, não aparece informações sobre os agentes.	Por ser menor de idade, não aparece informações sobre a vítima.	Sim. "Vítima de ofensas racistas"	Escola
4	Modelo de BH relata injúria racial após homem dizer que cabelo dela 'assusta': 'Eu me senti sem chão'	O agente não é nomeado e nem mostrado, por falta de imagens	Ludmila Casseiro - mulher negra, modelo, 21 anos.	Sim. "Vítima de injúria racial" - âncora Jornalista de rua também fala em racismo e injúria racial	Público - Rua
5	Consulta em ginecologista vai parar na Justiça	Helena Malzac Franco, mulher, ginecologista	Por ser menor de idade, não aparece informações sobre a vítima.	Sim. "O ministério público denunciou a doutora Helena pelo crime de racismo"	Clínica gine Sul do RJ)
6	Mãe e filha registram queixa de racismo após serem acusadas de furto de celular	Ormesinda das Dores Fagundes	Joana Serafim, consultora de vendas e Francisca Serafim	SIM "caso de racismo"	Supermercado conrado RJ "bem próximo como frisado reportagem
7	Assessor de Vini Junior acusa um segurança de racismo no amistoso da Seleção contra Guiné	A reportagem não nomeia, mas mostra o rosto do segurança, homem branco	Felipe Silveira, 27 anos, assessor do Vini Jr.	SIM "mais um caso lamentável de racismo"	Estádio em

A primeira reportagem foi publicada no dia 09/08/2021 com o título 'É difícil esquecer', diz homem negro que tirou a roupa para provar que não estava furtando em mercado de Limeira transmitida na Emissoras Pioneiras de Televisão (EPTV 2), afiliada à TV Globo em Campinas/SP e publicada no portal de notícias do Grupo Globo (G1) de

Piracicaba disponível no link ['É difícil esquecer', diz homem negro que tirou a roupa para provar que não estava furtando em mercado de Limeira](#)

O caso de racismo ocorrido dentro de uma rede de supermercados, em que a vítima, um homem negro de 56 anos, é posta num lugar de vulnerabilidade e exposição no momento em que seguranças do local pedem para revistá-lo. A ocorrência foi registrada na polícia como constrangimento por não haver provas suficientes para se configurar como injúria racial;

O foco da cobertura jornalística é concentrada na vítima. A abertura do título da reportagem com aspas da vítima e imagem de capa do primeiro audiovisual da reportagem da vítima. Além da exposição excessiva da vítima, no lead da matéria o nome completo e idade. No entanto, mesmo com toda atenção dada ao caso, a fala da vítima é semanticamente colocada em questionamento. O termo 'segundo vítima' utilizado no lead aponta para um aparente distanciamento e isenção da cobertura e sinaliza para o leitor que pode não ter sido bem como diz a vítima.

Toda essa dinâmica reforça a ideia de quem já é vítima precisa provar que o que diz é verdade. Ocorrendo, portanto, uma descredibilização da fala da vítima, pessoa negra. O que se diz não tem validade. Assim, ainda que a cobertura traga um foco na vítima, observamos uma espécie de emudecimento ou silenciamento da vítima. Em uma construção jornalística que tem como recurso midiático um material audiovisual de 1min:20s com fala da vítima e imagens do episódio racista no supermercado da rede.

Do título e ao longo de toda a reportagem o nome da rede de supermercados é preservado. Sendo mencionado apenas 'rede de supermercados atacadista em Limeira'. A marca da rede de supermercados aparece ao final da reportagem com um take da jornalista frente ao supermercado e o nome da rede (marca) apenas é mencionado ao final da reportagem em menção à nota emitida pelo estabelecimento.

Na segunda reportagem publicada pelo G1 DF (Distrito Federal) com o título Advogado negro relata ter sofrido episódio de discriminação por segurança do STF - Ele denuncia caso de racismo estrutural, disponível no link <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/df1/video/advogado-negro-relata-ter-sofrido-episodio-de-discriminacao-por->

[seguranca-do-stf-10437686.ghtml](#). O de discriminação de um advogado negro afirma ter sofrido por um segurança do Supremo Tribunal Federal (STF).

A matéria de 1m39s observa-se a recorrência da super exposição da vítima como foco da cobertura. Já no título da reportagem, ocorre a identificação do advogado pela suas etnia, homem negro, o que é incomum quando pessoas são identificadas pela atividade profissional. Nesse caso, mesmo se tratando de racismo, ao colocar a identidade racial da vítima vinculada à sua atividade profissional a chamada torna-se apelativa para atrair cliques da audiência, uma vez que, não vemos no noticiário a identificação de advogados como ‘advogado homem branco’. Além do título, o nome e imagem da vítima são colocados como destaque na reportagem.

Com narração inicial do apresentador do telejornal sobre o caso e do jornalista, a cobertura é construída com imagens sem áudio da vítima, da fachada do STF, post da vítima compartilhado na rede social tudo na narração do jornalista e fala da fonte uma - diretora da igualdade racial da OAB -DF, também mulher negra. E, ao final do noticiário, a leitura de trechos da nota do Supremo Tribunal Federal (STF). Ou seja, as únicas pessoas que aparecem na reportagem para além dos jornalistas são as pessoas negras. Uma narrativa que uma aparente humanização na reportagem o que ocorre é a revitimização vítima com a super exposição à violência em decorrência étnico-racial e preservação do ente violador, nesse caso o STF (Supremo Tribunal Federal).

Outro ponto que chama atenção é a utilização da construção verbal ‘teria ouvido’ em relação ao relato da vítima. O verbo ‘teria’ está no futuro do pretérito que indica que o fato poderia ter acontecido no passado, mas que não tenha sido concretizado. Com essa escolha a editorial coloca a fala da vítima em questionamento.

3) Como abordado nos casos anteriores, a terceira reportagem de 1m56s também tem o foco na vítima, como registrado já no título ‘Menina de 10 anos é vítima de ofensas racistas em um grupo de mensagens no celular onde há pessoas da escola onde ela estuda’ e no lead na cobertura. Quem cometeu o crime, uma pessoa branca, tem suas características asseguradas na cobertura. Tampouco a identidade racial de quem comete o crime é mencionada cobertura jornalística. A psicóloga e ativista Cida Bento (20xx)

pode nos ajudar a compreender tal prática como a proteção dos iguais, proteção da pessoa branca que é do mesmo grupo étnico-racial de quem escreve, ou pessoas brancas que são majoritários nos grupos midiáticos.

O foco na vítima, nesse caso uma criança, segue na abertura da cobertura com a seguinte apresentação: “Criança foi chamada de 'neguinha com cabelo de macaco' através de um áudio encaminhado no grupo. E durante a reportagem as únicas pessoas ouvidas na reportagem são negras, a mãe da criança vítima e a mãe de outra criança do mesmo colégio condenando o ocorrido racista. A construção da reportagem fortalece o imaginário coletivo de que a superação do racismo é de responsabilidade de pessoas negras. Ainda que a fala da vítima ou sua responsável não tenha sido questionada dessa vez, o modus operandi da condução do jornalista se repete com o fechamento da reportagem com a menção da nota de esclarecimento da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Além do foco e super exposição da vítima, percebemos como padrão das reportagens selecionadas na amostragem da pesquisa que a identidade social e étnico-racial de quem comete o crime é resguardada. Na quarta reportagem disponível no link <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/10/11/modelo-de-bh-relata-injuria-racial-apos-homem-dizer-que-cabelo-dela-assusta-eu-me-senti-sem-chao.ghtml> com o título Modelo de BH relata injúria racial após homem dizer que cabelo dela 'assusta': 'Eu me senti sem chão' o agressor é tratado apenas como homem e desconhecido. Quando a vítima tem seu nome identificado e sua foto abrindo a reportagem e no título após a sua fala.

A matéria é montada com aspas da vítima, explicação com hiperlink para o leitor saber mais sobre o racismo, porém mais uma vez a vítima é o foco da reportagem. A vítima pessoa negra é a única que é ouvida na matéria. E nesse caso o agressor só aparece ainda que de forma não tão evidente, pois foi filmado pela vítima. A quarta reportagem ocorreu em Belo Horizonte, mas segue a mesma dinâmica de todas as outras das coberturas realizadas no Rio de Janeiro, Distrito Federal e Campinas.

Com 8min, a quinta reportagem com foi transmitida no Fantástico, programa jornalístico dominical da TV Globo com o título ‘Consulta em ginecologista vai parar na

Justiça’ disponível no link <https://globoplay.globo.com/v/11691640/> trata do caso da ginecologista que vira ré por fala racista durante consulta com jovem negra e alega ter aprendido tal conduta na universidade, por conta disso o racismo científico é debatido durante a reportagem. Dentre as cinco reportagens anteriormente analisadas, essa foi a primeira em que a vítima não tem seu nome e foto super expostos.

Há uma diversidade de fontes e especialistas entre elas mulheres e homens negros e brancos. Quem comete o crime tem seu nome e imagem divulgados na matéria e toda a sua fala é confrontada por especialista sobre o assunto abordado. No entanto, mesmo sabendo o nome e imagens de quem cometeu o crime, no lead de apresentação da reportagem apenas a identificam como médica, sendo: “Médica está respondendo à Justiça por racismo. Ela disse à uma paciente que a maioria das mulheres negras tem cheiro forte nas partes íntimas.”. No caso das pessoas negras, a identificação social e racial tem sido colocada como padrão nos leads das reportagens.

A sétima reportagem da amostra da pesquisa, abordada o caso de mãe e filha que registram queixa de racismo após serem acusadas de furtar celular dentro de supermercado na zona sul carioca. Sob o título ‘Mãe e filha se queixam de racismo na Gávea’ disponível no link <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/rj2/video/mae-e-filha-registram-queixa-de-racismo-apos-serem-acusadas-de-furto-de-celular-11517943.ghtml> a cobertura de com 2m44s, repete o fluxo de revitimização de quem foi sofreu a violência racial já a partir do título. A escolha da construção verbal ‘se queixam’ também coloca a denúncia das vítimas em dúvida se de fato ocorreu violência racistas. Na construção da reportagem, ainda que tenham mencionado o nome de quem cometeu o racismo, as únicas pessoas que são ouvidas na matéria são as duas vítimas, resultando na recorrência de super exposição da vítima em caso de violência racial coberta pela mídia.

Na sétima e última reportagem na amostra da pesquisa, a abordagem foi sobre um segurança que trabalhava em dia de jogo no estádio de Madrid foi acusado de racismo ao mostrar uma banana para o assessor de Vini Jr. Quem cometeu o ato de racismo deveria ser o mais importante em uma abordagem sobre o racismo e não a vítima. É o que percebemos que não é feito em mais uma cobertura realizada pelo portal G1 do Grupo Globo. Com o título ‘Assessor de Vini Junior acusa um segurança de racismo no amistoso

da Seleção contra Guiné, na 4m05s', disponível no <https://globoplay.globo.com/v/11709677/>.

A apresentação da reportagem reproduz o padrão de cobertura que nada contribuiu para a superação do racismo. O nome completo e idade da vítima foram publicados na apresentação na matéria “Felipe Silveira, de 27 anos, vive em Madri e é amigo de infância do jogador brasileiro. Ele estava entrando no estádio quando um funcionário, segundo Felipe, tirou uma banana do bolso da calça, apontou para ele e disse em espanhol: ‘Levanta os braços essa é a minha pistola’. Ainda na reportagem atletas e técnico contribuem com a matéria o foco da abordagem permanece na vítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme identificado em outras pesquisas, a narrativa jornalística tradicional: 1) endereça às pessoas negras o papel de vítimas passivas do racismo (Moraes, 2022; Oliveira, 2023); 2) individualiza a culpa, em vez de reconhecer seu caráter estrutural (Almeida, 2019); 3) despolitiza a questão, colocando-a no âmbito privado (Oliveira, 2023); e 4) elipsa ou substitui a raça no debate, produzindo um deslizamento de sentidos (Felix, 2023, Olmos-Alcaraz, Martín-Godoy, 2024); 5) deixa às pessoas negras a obrigação de discutir um problema que é uma invenção branca (Kilomba, 2019); 6) encarcera os indivíduos negros e negras num lugar de dor e impotência (Moraes, 2022).

Num cenário como esse, o aumento do número de denúncias não significa, necessariamente, uma contribuição à superação ao racismo. Ao contrário, a repetição de casos com o mesmo perfil pode reforçar estereótipos ligados à debilidade e vitimização do povo negro. Nesse caso, a hipervisibilidade serve muito mais à construção de uma autoimagem institucional associada à luta antirracista do que propriamente à reparação do mal produzido pela opressão racial.

Na segunda etapa da nossa análise, identificamos que a estrutura narrativa utilizada pelos veículos na construção das mensagens possui um padrão de superexposição das vítimas que recorrentemente são colocadas como centrais nas coberturas com seus nomes e identidade etnico-racial são destacados nas reportagens. Enquanto as identificações das pessoas que cometem os crimes são preservadas. Outro

elemento observado nas abordagens jornalísticas as pessoas negras são as únicas personagens nas coberturas sobre racismo contribuindo para o imaginário social de que a responsabilidade para a superação do racismo está com as pessoas pretas.

A escolha dos verbos nas reportagens em referência às denúncias de racismo das pessoas negras também configura um elemento que também reforça o racismo à medida que semanticamente aponta para a dúvida se o que as pessoas negras relataram foi de fato o que aconteceu. Com as análises realizadas até aqui, podemos inferir que ainda que o número de abordagens sobre racismo tenha crescido exponencialmente a forma como tem sido feita pouco tem contribuído para o combate à violência racial no país. Por fim, a última etapa dessa pesquisa vai discutir, a partir de uma pesquisa de recepção, os sentidos e atravessamentos produzidos por elas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.
- FELIX, Carla Baiense. Narrativas da Dor: Endereçamentos e Gramática Discursiva nas Reportagens sobre Racismo no G1. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. **Apresentação oral...**, Belo Horizonte: Intercom, 2023.
- FELIX, Carla Baiense; PAULLA, Monique; REBELLO, Fernanda. **Representações de raça e gênero no jornalismo brasileiro**. Um estudo de recepção sobre as afetações e a produção de sentidos entre jovens de Niterói. Relatório de Pesquisa. Universidade Federal Fluminense, 2024.
- GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- KILOMBA, Grada. Descolonizando o eu: o trauma colonial. In: **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 3. ed .Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre (RS): Arquipélago, 2022.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- OLIVEIRA, Dennis de. Miatização e cobertura jornalística de casos de racismo. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte: Intercom, 2023.
- REZENDE, Sara. Senado aprova aumento da punição para crimes de injúria racial e de racismo em estádios. Política. **G1**, 18/05/2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/05/18/senado-aprova-aumento-da-punicao-para-crimes-de-injuria-racial-e-de-racismo-em-estadios.ghtml>. Acesso em: 25/06/2024